

IMPACTO DA AUTOMEDICAÇÃO NA SAÚDE PÚBLICA: EM PACIENTES HIPERTENSOS

Bárbara Cardoso Avelino da Silva¹
Leonardo Guimarães²

RESUMO: O **objetivo** deste artigo foi: analisar as consequências da automedicação na saúde pública, com foco nos pacientes hipertensos. A pesquisa utiliza uma **metodologia** de revisão bibliográfica, revisando estudos publicados entre 2020 e 2024 em bases de dados como, PubMed, SciELO, LILACS, e Google Scholar. Foram incluídos estudos sobre os efeitos adversos, resistência antimicrobiana, custos para o sistema de saúde e campanhas de conscientização. O **desenvolvimento** aborda a automedicação como uma prática comum que resulta em interações medicamentosas perigosas, reações adversas e agravamento de condições de saúde, especialmente entre hipertensos. A análise mostra que a automedicação pode levar a complicações graves como insuficiência renal e resistência microbiana, além de aumentar a sobrecarga dos serviços de saúde. O papel do farmacêutico é destacado na educação em saúde, identificação de interações medicamentosas e promoção de uma terapia medicamentosa segura. A **conclusão** reforça a necessidade de políticas públicas eficazes e campanhas de conscientização para minimizar os efeitos adversos da automedicação, promover o uso racional de medicamentos e melhorar a segurança dos pacientes. A educação continuada e o acompanhamento farmacoterapêutico integrado são fundamentais para garantir a qualidade de vida dos pacientes hipertensos e a eficiência do sistema de saúde.

3240

Palavras-chaves: Automedicação. Impacto. Saúde. População. Hipertensos.

ABSTRACT: The **objective** of this article was to analyze the consequences of self-medication on public health, focusing on hypertensive patients. The **research** uses a literature review methodology, reviewing studies published between 2020 and 2024 in databases such as PubMed, SciELO, LILACS, and Google Scholar. Studies on adverse effects, antimicrobial resistance, costs to the health system, and awareness campaigns were included. The **development** addresses self-medication as a common practice that results in dangerous drug interactions, adverse reactions, and worsening of health conditions, especially among hypertensive patients. The analysis shows that self-medication can lead to serious complications such as kidney failure and microbial resistance, in addition to increasing the burden on health services. The role of the pharmacist is highlighted in health education, identification of drug interactions, and promotion of safe drug therapy. The **conclusion** reinforces the need for effective public policies and awareness campaigns to minimize the adverse effects of self-medication, promote the rational use of medications, and improve patient safety. Continuing education and integrated pharmacotherapeutic monitoring are essential to guarantee the quality of life of hypertensive patients and the efficiency of the health system.

Keywords: Self-medication. Impact. Health. Population. Hypertensive patients.

¹Discente do curso de farmácia, Unig Campus 1, Universidade Iguazu.

²Orientador do curso de farmácia, Unig Campus 1, Universidade Iguazu.

INTRODUÇÃO

A automedicação, conforme definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como o uso de medicamentos para tratar condições autodiagnosticadas e pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) como o uso de medicamentos sem orientação profissional, representa riscos significativos à saúde pública (BRASIL, 2021).

Isso inclui interações medicamentosas perigosas, reações adversas, toxicidade e a possibilidade de diagnósticos incorretos ou tardios, que podem mascarar condições subjacentes e contribuir para a resistência microbiana (OLIVEIRA, 2018).

A prática da automedicação é prevalente em muitas regiões do mundo, especialmente no Brasil. Um estudo do Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade (ICTQ) revelou que, em 2018, 79% da população brasileira praticava automedicação, um aumento em comparação aos anos anteriores. O estudo também destacou que os analgésicos são os medicamentos mais comumente utilizados, indicando a necessidade urgente de maior conscientização sobre os riscos associados a essa prática (ICTQ, 2020).

A automedicação pode ter várias motivações, incluindo a busca por alívio rápido de sintomas comuns como dores de cabeça, rinite, dor de garganta, dores musculares, gripes, resfriados, azia e cólicas. De acordo com o estudo de Ferreira et al. (2021), mulheres e idosos, em particular, apresentam uma alta predisposição à automedicação, geralmente por períodos que variam de sete a quinze dias (GAMA; SECOLI, 2019).

Além disso, o uso inadequado de medicamentos antimicrobianos é uma preocupação crescente. De acordo com a RDC 471/2021, esses medicamentos têm seu uso restrito, devendo ser prescritos apenas por profissionais habilitados, com a receita contendo informações detalhadas sobre o paciente e o tratamento (BRASIL, 2021). O uso racional de antimicrobianos exige diagnóstico clínico adequado e conhecimento sobre os agentes infecciosos, sendo guiado por diretrizes terapêuticas para assegurar uma terapia eficaz e segura. O papel do farmacêutico é crucial na escolha da administração correta e no controle do uso desses medicamentos, visando prevenir a resistência microbiana e garantir a segurança terapêutica da população (MACEDO *et al.*, 2024).

Essa prática, especialmente quando ocorre em grupos vulneráveis, como grávidas, merece atenção especial, pois a automedicação pode resultar em consequências graves tanto para a mãe quanto para o feto (SILVA *et al.*, 2022). Portanto, é essencial promover uma

educação ampla e contínua sobre os riscos da automedicação, a fim de minimizar seus impactos adversos na saúde pública.

JUSTIFICATIVA

A automedicação é um hábito generalizado, motivado pela fácil disponibilidade de medicamentos de venda livre e pela falta geral de conscientização sobre os riscos associados. Entender o quão comum essa prática é e identificar os grupos mais vulneráveis é crucial para orientar medidas educacionais e preventivas. Além disso, a automedicação pode levar a efeitos adversos significativos, como interações medicamentosas perigosas e uso indevido de medicamentos, impactando diretamente a saúde dos indivíduos (FERREIRA *et al.*, 2021).

A ligação entre a automedicação e o crescente problema da resistência antimicrobiana representa um sério desafio à saúde pública. Esse problema prejudica a eficácia dos tratamentos e dificulta o controle de infecções. Além disso, a pressão sobre os serviços de saúde causada por complicações da automedicação aumenta os custos e exige mais infraestrutura, afetando negativamente a qualidade do atendimento prestado.

Diante dessa situação, é essencial propor estratégias de intervenção e políticas públicas que conscientizem sobre os perigos da automedicação e promovam o uso racional de medicamentos. Essas ações são vitais para reduzir os impactos negativos da automedicação na saúde pública e garantir um sistema de saúde mais eficiente e seguro para todos.

3242

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Analisar o impacto da automedicação na saúde pública, investigando as consequências dessa prática para a população, incluindo o aumento de efeitos adversos, a resistência antimicrobiana, a sobrecarga dos serviços de saúde e os desafios na gestão de políticas públicas voltadas para a conscientização e prevenção dessa prática.

Objetivos Específicos

1. Identificar e analisar as possíveis interações medicamentosas em pacientes hipertensos internados na unidade hospitalar.
2. Implementar estratégias de acompanhamento farmacoterapêutico para garantir a adesão dos pacientes hipertensos ao tratamento prescrito.

3. Promover a educação em saúde junto aos pacientes e à equipe multiprofissional sobre a importância do controle adequado da hipertensão.
4. Monitorar e ajustar a terapia medicamentosa de acordo com a resposta clínica e eventuais efeitos adversos apresentados pelos pacientes hipertensos.
5. Colaborar com a equipe multidisciplinar na elaboração de protocolos de segurança específicos para o manejo da hipertensão na unidade hospitalar.

METODOLOGIA

A pesquisa sobre o impacto da automedicação na saúde pública no período de 2020 a 2024 será conduzida através de uma revisão bibliográfica. Essa metodologia foi escolhida por sua eficácia em sintetizar informações já existentes e identificar lacunas na literatura sobre o tema. O objetivo é revisar e analisar estudos recentes que abordem as consequências da automedicação, incluindo efeitos adversos, resistência antimicrobiana, custos para o sistema de saúde e campanhas de conscientização.

Para alcançar esses objetivos, serão definidos critérios específicos de inclusão e exclusão. Serão incluídos artigos publicados entre 2020 e 2024, nos idiomas português, que estejam disponíveis em acesso aberto ou através de bases de dados institucionais. Estudos de revisão, estudos observacionais, relatórios de organizações de saúde e diretrizes de saúde pública que tratem diretamente do tema da automedicação e suas consequências para a saúde pública serão considerados. Por outro lado, serão excluídos artigos publicados antes de 2020, documentos de opinião sem base científica, resumos de conferências e estudos que não abordem especificamente os impactos da automedicação na saúde pública.

A pesquisa bibliográfica será realizada em bases de dados científicas reconhecidas, como PubMed, SciELO, LILACS, ScienceDirect e Google Scholar. Além disso, publicações de órgãos oficiais, como a Organização Mundial da Saúde (OMS), a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), o Ministério da Saúde do Brasil e outras entidades internacionais de relevância, também serão consultadas.

A estratégia de busca utilizará palavras-chave e combinações de termos relacionados ao tema, como "automedicação", "impacto na saúde pública", "resistência antimicrobiana", "consequências da automedicação", "uso irracional de medicamentos" e "segurança do paciente". Operadores booleanos (AND, OR, NOT) serão empregados para refinar os resultados e garantir a precisão da busca.

DESENVOLVIMENTO

Interações Medicamentosas e Estratégias de Acompanhamento Farmacoterapêutico para Pacientes Hipertensos Hospitalizados

Em pacientes hipertensos hospitalizados, a identificação de interações medicamentosas, conforme apresentado na figura 1, é uma prática crucial para garantir a segurança e eficácia do tratamento. Hipertensos frequentemente utilizam múltiplas classes de medicamentos, como anti-hipertensivos, diuréticos, anticoagulantes e outros que podem interferir uns com os outros (PETRI *et al.*, 2020).

Figura 1. Interação medicamentosa



Fonte: (prodoctor, 2020).

Essas interações podem diminuir a eficácia do tratamento ou provocar efeitos adversos graves, como hipotensão, insuficiência renal, ou complicações cardíacas (SANTOS *et al.*, 2022). Portanto, é imprescindível que os profissionais de saúde, especialmente farmacêuticos, estejam atentos a possíveis interações ao revisar prescrições e ajustar doses de medicamentos. A identificação precoce de interações possibilita intervenções imediatas, evitando consequências indesejadas e promovendo um manejo seguro da hipertensão (SOARES e OKUNO, 2024).

Além da análise de interações medicamentosas, a implementação de estratégias de acompanhamento farmacoterapêutico é essencial para garantir que os pacientes adiram ao tratamento prescrito. A adesão ao tratamento entre pacientes hipertensos hospitalizados pode ser comprometida por diversos fatores, como efeitos colaterais dos medicamentos, falta de compreensão sobre a importância do tratamento contínuo, e desinformação sobre a doença (SILVA, 2022).

Para mitigar esses riscos, é necessário que os profissionais de saúde desenvolvam abordagens personalizadas de educação em saúde, fornecendo explicações claras sobre a medicação, seus benefícios, possíveis efeitos adversos, e a importância de seguir o regime

terapêutico prescrito. Isso não apenas melhora a compreensão do paciente, mas também fortalece a confiança no tratamento (SENHORINHA, 2024).

Outra estratégia eficaz de acompanhamento é o monitoramento contínuo dos parâmetros de saúde do paciente, como a pressão arterial e os sinais vitais, permitindo ajustes rápidos e precisos na farmacoterapia, conforme necessário. Essa monitorização deve ser realizada em conjunto com a revisão regular das prescrições para garantir que os medicamentos sejam utilizados de forma otimizada e em doses seguras (JOÃO; SANTOS e BENICHEL, 2021).

Além disso, o acompanhamento farmacoterapêutico requer uma abordagem interdisciplinar, onde farmacêuticos, médicos e enfermeiros trabalhem em conjunto para identificar barreiras à adesão e desenvolver soluções colaborativas, promovendo uma gestão integrada e eficiente do cuidado ao paciente hipertenso (DESTRO, 2020).

A combinação da identificação de interações medicamentosas com o acompanhamento farmacoterapêutico contínuo cria um ciclo de cuidado centrado no paciente, que visa não apenas o controle eficaz da hipertensão, mas também a prevenção de complicações, redução do tempo de internação e melhoria na qualidade de vida dos pacientes (MORAES, 2020).

A atuação integrada da equipe de saúde permite que se adaptem rapidamente às necessidades individuais de cada paciente, promovendo uma abordagem holística e personalizada no manejo da hipertensão hospitalar. Dessa forma, garante-se um tratamento mais seguro, eficaz e orientado para resultados clínicos positivos (CRUZ, 2023).

Integrar a educação em saúde com o monitoramento da terapia medicamentosa

A integração da educação em saúde com o monitoramento da terapia medicamentosa é essencial para o manejo eficaz da hipertensão. A educação em saúde direcionada aos pacientes hipertensos e à equipe multiprofissional tem como objetivo aumentar a compreensão sobre a importância do controle adequado da pressão arterial e as implicações de não seguir corretamente o tratamento (MENDES *et al.*, 2021).

Essa abordagem educacional deve incluir informações claras sobre a doença, os fatores de risco, a importância da adesão ao tratamento, e as mudanças de estilo de vida que podem impactar positivamente a saúde do paciente. Dessa forma, o paciente se torna mais consciente do papel ativo que desempenha no manejo de sua condição (RODRIGUES, 2023).

O monitoramento contínuo da resposta clínica do paciente e dos eventuais efeitos adversos da terapia medicamentosa é um componente crítico dessa abordagem integrada. Esse

monitoramento permite que a equipe de saúde avalie regularmente a eficácia do tratamento e faça ajustes necessários na medicação, conforme indicado pela resposta do paciente (SANTOS; PARREIRA e FONTOURA, 2024).

A avaliação contínua também ajuda a identificar precocemente quaisquer efeitos colaterais adversos, permitindo a intervenção rápida e apropriada. Assim, a terapia medicamentosa pode ser personalizada para cada paciente, melhorando os resultados e minimizando riscos (SENRA e ANDRADE, 2023).

A equipe multiprofissional desempenha um papel vital na implementação dessa abordagem integrada. Enfermeiros, médicos, farmacêuticos, nutricionistas e outros profissionais de saúde devem colaborar para fornecer informações consistentes e coordenadas aos pacientes, ajudando-os a entender a importância do controle da hipertensão e da adesão ao tratamento (FERREIRA e GALAN, 2024).

Além disso, essa equipe deve trabalhar em conjunto para monitorar a resposta clínica do paciente, avaliar a necessidade de ajustes na terapia e fornecer suporte contínuo para lidar com quaisquer dificuldades ou dúvidas que o paciente possa ter (FERREIRA e GALAN, 2024).

A integração da educação em saúde com o monitoramento da terapia medicamentosa traz múltiplos benefícios para o paciente hipertenso. Ela aumenta a adesão ao tratamento, reduz as chances de complicações graves, como acidente vascular cerebral e insuficiência cardíaca, e melhora a qualidade de vida do paciente. Além disso, o paciente se sente mais apoiado e confiante para tomar decisões informadas sobre sua saúde, sabendo que está sob os cuidados de uma equipe de saúde comprometida e atenta às suas necessidades específicas. Em última análise, essa abordagem holística promove um cuidado centrado no paciente, focado tanto na prevenção quanto na intervenção, garantindo um manejo mais eficaz da hipertensão (CIELLO *et al.*, 2024).

CONCLUSÃO

A automedicação, uma prática amplamente difundidas, apresenta implicações significativas para a saúde pública, especialmente em pacientes hipertensos. O estudo revelou que o uso de medicamentos sem orientação profissional pode resultar em interações medicamentosas perigosas, reações adversas severas e, em casos extremos, agravar as condições de saúde, como insuficiência renal, complicações cardíacas e resistência antimicrobiana. Tais problemas não apenas comprometem a segurança dos pacientes, mas também aumentam a

pressão sobre os serviços de saúde, resultando em maiores custos e uma sobrecarga dos sistemas de saúde pública.

Além disso, a prática de automedicação é impulsionada pela falta de conscientização e pelo fácil acesso a medicamentos, como analgésicos e anti-inflamatórios, disponíveis sem prescrição. Pacientes hipertensos, que muitas vezes fazem uso de múltiplas classes de medicamentos, são particularmente suscetíveis a interações adversas, o que reforça a necessidade de uma abordagem farmacoterapêutica personalizada.

A revisão bibliográfica conduzida destaca a importância do papel do farmacêutico na educação em saúde, na identificação de interações medicamentosas e na promoção de uma terapia medicamentosa segura. O farmacêutico deve atuar ativamente na orientação dos pacientes sobre os riscos da automedicação, na implementação de estratégias de adesão ao tratamento prescrito e no acompanhamento regular da resposta clínica dos pacientes, em colaboração com outros profissionais de saúde.

Assim, é imprescindível a adoção de políticas públicas eficazes que promovam o uso racional de medicamentos, aliadas a campanhas de conscientização da população sobre os riscos da automedicação. Essas medidas são essenciais para minimizar os efeitos adversos na saúde pública, melhorar a segurança do paciente e otimizar o uso dos recursos disponíveis nos serviços de saúde. Em última análise, a educação continuada e o acompanhamento farmacoterapêutico integrado são fundamentais para garantir a qualidade de vida dos pacientes hipertensos e a eficiência do sistema de saúde.

3247

REFERÊNCIAS

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). *Resolução RDC nº 471, de 23 de fevereiro de 2021: Dispõe sobre os critérios para a prescrição e dispensação de antimicrobianos*. Brasília, DF: ANVISA, 2021. Disponível em: https://www.cff.org.br/userfiles/RDC%20471_21%20ANTIMICROBIANOS.pdf. Acesso em: 28 de ago. 2024.

Cruz, Ângela Maria Fonte. *Relatório de Estágio Curricular*. Porto: Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto, 2023. Orientador: Paulo Alexandre Lourenço Lobão. Relatório de Estágio Curricular (Mestrado Integrado em Ciências Farmacêuticas) - Faculdade de Farmácia, Universidade do Porto, 2023.

CIELLO, D. V.; MATOS, L. C.; SCHWAMBACH, K. H. *O cuidado interprofissional ao paciente portador de diabetes mellitus e periodontite e as possibilidades na atenção primária à saúde*. Saberes Plurais Educação na Saúde, [S. l.], v. 8, n. 1, p. e139564, 2024. DOI: 10.54909/sp.v8i1.139564. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/saberesplurais/article/view/139564>.

DESTRO, Délcia Regina. **Cuidado farmacêutico na Atenção Primária à Saúde em Belo Horizonte: um processo em construção.** 2020. Tese (Doutorado em Medicamentos e Assistência Farmacêutica) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Farmácia, Belo Horizonte, 2020. Orientadora: Clarice Chemello. Coorientadora: Maria José Menezes Brito. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/34615>.

FERREIRA, F. das C. G.; LUNA, G. G. de; IZEL, I. C. M.; ALMEIDA, A. C. G. de. **O impacto da prática da automedicação no Brasil: revisão sistemática.** *Brazilian Applied Science Review*, [S. l.], v. 5, n. 3, p. 1505-1518, 2021. DOI: 10.34115/basrv5n3-016. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BASR/article/view/31242>. Acesso em: 28 ago. 2024.

FERREIRA, T. M.; GALAN, V. A. P. **Análise da terapia medicamentosa em pacientes idosos com hipertensão arterial e diabetes mellitus que utilizam medicamentos da Unidade Básica de Saúde: revisão integrativa.** *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, Brasil, São Paulo, v. 7, n. 14, p. e141265, 2024. DOI: 10.55892/jrg.v7i14.1265. Disponível em: <http://www.revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/1265>.

GAMA, A.; SECOLI, S. **Práticas de automedicação em comunidades ribeirinhas na Amazônia brasileira.** *Revista Brasileira de Enfermagem*, São Paulo, v. 72, n. 6, p. 1-9, 17 dez. 2019. Disponível em: <link>. Acesso em: 10 mar. 2021.

ICTQ, Instituto de ciência, tecnologia e qualidade. **Automedicação: farmacêutico, a culpa não é sua, entenda por quê.** Instituto de ciência, tecnologia e qualidade, [s. l.], p. 1-1, 09 Jan. 2020. Disponível em: <https://www.ictq.com.br/pesquisa-do-ictq/871-pesquisa-automedicacao-no-brasil-2018>. Acesso em: 28 ago. 2024

3248

JOÃO, Letícia de Souza; SANTOS, Mayara Teixeira de Toledo dos; BENICHEL, Cariston Rodrigo. **A importância do controle de infecção relacionada à assistência à saúde.** In: XVI JORNADA CIENTÍFICA, 2021, Bauru. *Anais...* Bauru: Faculdades Integradas de Bauru - FIB, 2021. ISSN 2358-6044.

MACEDO, L. H. S.; ALENCAR, G. de O.; ALENCAR, J. P. de O.; MENDES, R. de C. **Antibacterianos e automedicação em nível nacional: revisão integrativa.** *Infarma - Ciências Farmacêuticas*, [S. l.], v. 35, n. 4, p. 459-465, 2024. DOI: 10.14450/2318-9312.v35.e4.a2023.pp459-465. Disponível em: <https://revistas.cff.org.br/infarma/article/view/3172>. Acesso em: 29 de ago. 2024.

MENDES PUPO, Y.; SAROT, J. R.; DE LIMA, H. G.; LOPES, J. do C. M. **Anais I JASBI - I Jornada Acadêmica de Saúde Bucal Inclusiva UFPR.** ARCHIVES OF HEALTH INVESTIGATION, [S. l.], v. 10, p. 1-120, 2021. DOI: 10.21270/archi.v10i1.5604. Disponível em: <https://www.archhealthinvestigation.com.br/ArcHI/article/view/5604>.

MORAES, Ana Luiza Sobrinho. **Implantação do cuidado farmacêutico a pessoas vivendo com o vírus da imunodeficiência humana no serviço de assistência especializada (SAE) de um hospital universitário no município de Belém.** 2020. Dissertação (Mestrado em Assistência Farmacêutica) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Saúde, Belém, 2020.

OLIVEIRA, S. B.; BARROSO, S. C.; BICALHO, M. A.; REIS, A. M. **Perfil de medicamentos utilizados por automedicação por idosos atendidos em centro de referência.** *einstein* (São Paulo),

v. 16, n. 4, eAO4372, 2018. Disponível em:
http://dx.doi.org/10.31744/einstein_journal/2018AO4372. Acesso em: 27 ago. 2024.

PETRI, Aniele Aparecida; SCHNEIDER, Aline; KLEIBERT, Karine Raquel Uhdich; BITTENCOURT, Vivian Lemes Lobo; WINKELMANN, Eliane Roseli; COLET, Christiane de Fátima. **Interações medicamentosas potenciais em pacientes hospitalizados.** *Revista de Atenção à Saúde - RAS*, v. 18, n. 63, 2020.

RODRIGUES, Jamilly Fernanda Brito. **Avaliação da influência da educação em saúde na adesão ao tratamento de usuários polimedicados.** 2023. Dissertação (Mestrado em Inovação Terapêutica) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

SANTOS, Leandro dos; ESTRELA, Heder Frank Gianotto; GARCIA, José Antonio Dias; OLIVEIRA, Tales Lyra de; BARAUNA, Valério Garrone. **Abordagem interdisciplinar no controle da Hipertensão Arterial Sistêmica.** 1. ed. Belo Horizonte: Poisson, 2022. ISBN 978-65-5866-205-1. Disponível em: <https://www.poisson.com.br/>.

SANTOS, Bruna Catiene Oliveira; PARREIRA, Leide Laura Medeiros; FONTOURA, Livia Paula. **Os desafios da adesão medicamentosa em idosos: o papel do consultório farmacêutico.** 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Outro) – Faculdade Facmais, Jun. 2024. Disponível em: <http://65.108.49.104:80/xmlui/handle/123456789/925>. Acesso em: 14 set. 2024.

SENHORINHA, Henrique Braunert. **Conteúdos, funcionalidades e recursos de um aplicativo móvel para pacientes submetidos ao transplante hepático e cuidadores: proposta multidisciplinar.** 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024. Orientadora: Eliane Regina Pereira do Nascimento. Coorientadora: Marisa da Silva Martins.

3249

SENRA, Tiago Verlingue; ANDRADE, Leonardo Guimarães de. **Atuação do farmacêutico na gestão em sistema único da saúde.** *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. l.]*, v. 9, n. 10, p. 1160–1176, 2023. DOI: 10.51891/rease.v9i10.11746. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/11746>.

SILVA, L. A.; SIMÃO, A. G.; OLIVEIRA, C. E. B.; SOUSA, T. R.; SOUZA, V. L.; SOUZA, C. S.. **Automedicação entre gestantes e fatores relacionados: revisão integrativa.** *Health of Humans*, v.4, n.1, p.14-24, 2022. DOI: <http://doi.org/10.6008/CBPC2674-6506.2022.001.0002>

SILVA, Edson da (Org.). **Serviços e cuidados nas ciências da saúde.** Ponta Grossa - PR: Atena Editora, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.681220305>. Disponível em: <https://www.arenaeditora.com.br>.

SOARES, C. R. .; OKUNO, M. F. P. . **Análise das potenciais interações medicamentosas e eventos adversos.** *Revista Remecs - Revista Multidisciplinar de Estudos Científicos em Saúde, [S. l.]*, v. 9, n. 15, p. 68–81, 2024. DOI: 10.24281/rremecs2024.9.15.6881. Disponível em: <https://revistaremece.com.br/index.php/remecs/article/view/1537>.